# ENTRE SABERES E FORMAS DE CUIDAR: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA SAÚDE REPRODUTIVA DE POVOS INDÍGENAS E NÃO INDÍGENAS NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Joana Rita Galvão[1]
Constantine Schulz[2]
José Pedro Duarte Freitas [3]
Kaique Gabriel Ferreira de Oliveira[4]
Maria Eduarda de Almeida Marx[5]

**Instituição:** Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi

**Modalidade:** Relato de Experiência

**Eixo Temático:** Ciências da Natureza e suas Tecnologias

## 1. Introdução:

O ensino de Ciências no Ensino Fundamental possibilita abordar conhecimentos relacionados ao corpo humano, à saúde e à qualidade de vida. No 8º ano, os conteúdos sobre reprodução humana permitem discutir aspectos biológicos e questões relacionadas à prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, gestação, nascimento e cuidados com a saúde reprodutiva.

Entretanto, a saúde reprodutiva não se limita aos aspectos biológicos, sendo também influenciada por fatores culturais, sociais, históricos e territoriais. Nesse contexto, conhecer diferentes povos indígenas possibilita compreender que existem distintas formas de vivenciar e organizar práticas de cuidado. A diversidade dos povos indígenas brasileiros, marcada por diferentes línguas, territórios, organizações sociais e práticas culturais, impede que sejam compreendidos como um grupo homogêneo.

A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas reconhece essas especificidades ao estabelecer uma atenção diferenciada, considerando aspectos culturais, epidemiológicos e territoriais (BRASIL, 2002). Assim, abordar a saúde reprodutiva indígena também permite discutir conhecimentos tradicionais, gestação, parto, cuidados com mulheres e crianças e acesso aos serviços de saúde.

---

[1] Professora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi.
[2] Aluna, do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi.
[3] Aluno, do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi.
[4] Aluno, do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi.
[5] Aluna, do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi.

A comparação com a população não indígena amplia essa reflexão, permitindo identificar diferenças e semelhanças nas formas de compreender e organizar o cuidado, sem estabelecer relações de superioridade entre culturas. Essa perspectiva aproxima-se da educação intercultural proposta por Candau (2020), que valoriza a diversidade e questiona práticas homogeneizadoras, e de Baniwa (2019), que destaca a importância de uma educação indígena intercultural e contextualizada.

A proposta também dialoga com Freire (2021), ao valorizar o diálogo, a problematização e a participação dos estudantes na construção do conhecimento. No ensino de Ciências, Krasilchik (2019) destaca a importância de estratégias que promovam a participação, a investigação e a análise de informações, superando a aprendizagem baseada apenas na memorização.

A temática indígena encontra ainda respaldo na Lei nº 11.645/2008, que estabelece sua inclusão no currículo da Educação Básica. Nesse sentido, a experiência teve como objetivo compreender aspectos da saúde reprodutiva por meio da comparação entre diferentes povos indígenas e a população não indígena, valorizando a diversidade cultural e desenvolvendo habilidades de pesquisa, análise, organização e comunicação.

## 2. Procedimentos Metodológico:

A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi, com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, durante as aulas de Ciências, no contexto dos conteúdos relacionados à reprodução humana e à saúde reprodutiva. A proposta foi organizada em etapas de problematização, pesquisa, sistematização, comparação e socialização dos conhecimentos.

Inicialmente, foram trabalhados conteúdos relacionados à reprodução humana e à saúde reprodutiva, contemplando aspectos do sistema reprodutor, fecundação, gestação, parto, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e cuidados com a saúde. Após essa etapa, foi realizada uma discussão sobre a influência da cultura nas formas de compreender o corpo e os processos relacionados à reprodução. Os estudantes foram estimulados a refletir sobre a seguinte questão: as formas de cuidar da saúde reprodutiva são iguais em todas as sociedades?

A partir dessa problematização, foram organizados grupos de trabalho. Cada grupo ficou responsável pela pesquisa sobre um povo indígena específico, buscando informações sobre localização, organização social, aspectos culturais e práticas relacionadas à saúde reprodutiva. As pesquisas contemplaram, conforme a disponibilidade de informações, aspectos relacionados à gestação, parto, cuidados com mulheres e crianças, conhecimentos tradicionais, participação comunitária e relação com os serviços de saúde.

Outro aspecto trabalhado foi a compreensão de que a comparação não tinha como finalidade classificar as práticas como superiores ou inferiores. O objetivo era identificar diferenças e semelhanças e compreender como cultura, território, condições sociais e conhecimentos tradicionais podem influenciar as formas de cuidado.

Após a pesquisa, os estudantes realizaram a sistematização das informações. Em uma das turmas, os grupos elaboraram uma tabela comparativa, organizando os dados referentes aos

diferentes povos indígenas pesquisados e estabelecendo relações com aspectos da população não indígena. A tabela possibilitou visualizar as diferenças e semelhanças encontradas e serviu como instrumento para a discussão coletiva. Na outra turma, os estudantes produziram apresentações de slides utilizando o Canva. Os grupos selecionaram textos, imagens e informações consideradas relevantes e organizaram as apresentações de acordo com os temas pesquisados.

Posteriormente, os grupos realizaram a apresentação dos trabalhos para a turma. As apresentações foram utilizadas como momentos de socialização, comparação e debate.

## 3. Resultados e Discussões

A experiência possibilitou trabalhar os conteúdos de saúde reprodutiva de maneira contextualizada, ampliando a abordagem tradicionalmente centrada nos aspectos biológicos. A pesquisa realizada pelos estudantes permitiu conhecer diferentes povos indígenas e identificar especificidades relacionadas às formas de cuidado. Ao mesmo tempo, a comparação com a população não indígena favoreceu a compreensão de que as práticas relacionadas à saúde reprodutiva também são construídas social e culturalmente.

Um dos resultados mais relevantes foi a percepção de que não existe uma única maneira de vivenciar a saúde reprodutiva. Os estudantes identificaram diferenças relacionadas à gestação, ao parto, aos cuidados com as mulheres, às crianças e à participação da comunidade. A atividade também contribuiu para desconstruir uma visão homogênea dos povos indígenas. Ao investigar povos específicos, os estudantes compreenderam que diferentes comunidades possuem histórias, territórios, culturas e formas de organização próprias.

A comparação com a população não indígena também foi importante. Ao analisar os diferentes contextos, os estudantes perceberam que as práticas de saúde reprodutiva presentes na sociedade não indígena também são influenciadas por fatores culturais, econômicos, familiares, religiosos e sociais. Dessa maneira, a comparação deixou de ser uma forma de estabelecer diferenças hierárquicas e passou a funcionar como instrumento de compreensão da diversidade.

Essa perspectiva dialoga com Candau (2020), especialmente com sua defesa de uma educação intercultural que não reduza a diversidade ao simples reconhecimento das diferenças. A interculturalidade envolve questionar processos de homogeneização e relações de desigualdade presentes na sociedade.

Na experiência desenvolvida, essa perspectiva foi incorporada quando os estudantes foram estimulados a compreender as práticas indígenas dentro de seus próprios contextos, evitando julgamentos baseados exclusivamente nos padrões da sociedade não indígena.

Outro resultado observado foi o desenvolvimento da capacidade de pesquisa. Os estudantes precisaram localizar informações, selecionar conteúdos relevantes e organizar os resultados. Essa prática contribuiu para desenvolver uma postura mais ativa diante do conhecimento. Em vez de receberem respostas prontas, os estudantes foram envolvidos na construção das informações utilizadas durante as discussões.

A produção da tabela comparativa foi particularmente importante para o desenvolvimento da capacidade de análise. Os estudantes precisaram organizar informações de

diferentes fontes e estabelecer categorias que permitissem visualizar semelhanças e diferenças. A atividade também favoreceu a sistematização do conhecimento. A organização das informações em uma estrutura comparativa permitiu que os estudantes retornassem aos dados pesquisados e refletissem sobre aquilo que havia sido encontrado.

Na outra turma, a produção de slides no Canva possibilitou uma forma diferente de sistematização. Os estudantes precisaram selecionar imagens e informações, organizar uma sequência de apresentação e utilizar recursos visuais para comunicar os resultados. A apresentação oral dos trabalhos também possibilitou o desenvolvimento da comunicação científica em nível escolar. Os estudantes tiveram que explicar os conteúdos pesquisados, ouvir os colegas e participar das discussões posteriores.

Essa utilização de diferentes estratégias está relacionada à perspectiva de Krasilchik (2019), que destaca a importância de práticas de ensino que favoreçam a participação dos estudantes e o desenvolvimento de capacidades relacionadas à análise e utilização de informações.

Outro resultado importante foi a ampliação do conceito de saúde reprodutiva. Ao longo das discussões, os estudantes puderam compreender que saúde reprodutiva não envolve somente o funcionamento dos órgãos reprodutores. Também envolve prevenção, informação, acesso aos serviços, acompanhamento da gestação, parto, cuidados posteriores e condições sociais.

No caso dos povos indígenas, essa discussão permitiu acrescentar a dimensão cultural e territorial. A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas estabelece a necessidade de considerar as especificidades culturais e epidemiológicas das diferentes comunidades, buscando oferecer uma atenção diferenciada (BRASIL, 2002).

Essa perspectiva permitiu discutir com os estudantes que o acesso aos serviços de saúde pode apresentar desafios diferentes de acordo com a localização dos territórios e as condições de infraestrutura. Também foi possível discutir a relação entre os conhecimentos tradicionais e os serviços de saúde. A atividade procurou evitar uma visão na qual os conhecimentos indígenas fossem apresentados como inferiores ou incompatíveis com o conhecimento científico.

Ao contrário, buscou-se mostrar que diferentes sociedades desenvolvem conhecimentos sobre saúde e cuidado a partir de suas próprias experiências históricas e culturais. Essa discussão foi importante para a construção de uma postura de respeito à diversidade cultural.

A experiência também contribuiu para a implementação da Lei nº 11.645/2008 no contexto do ensino de Ciências. A temática indígena foi incorporada ao conteúdo de saúde reprodutiva, demonstrando que o estudo da história e da cultura indígena pode estar relacionado a diferentes áreas do currículo.

Essa perspectiva aproxima-se da interculturalidade crítica defendida por Candau (2020), ao reconhecer as diferenças e, simultaneamente, problematizar relações de poder e processos de homogeneização cultural. A experiência mostrou ainda que o ensino de Ciências pode constituir espaço privilegiado para discutir questões relacionadas à diversidade cultural. Ao trabalhar saúde reprodutiva, foi possível abordar simultaneamente conhecimentos sobre o corpo humano, prevenção, direitos, cultura, território e políticas públicas.

## 4. Conclusão

A experiência desenvolvida com os estudantes do 8º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Deolinda Barufaldi demonstrou que a abordagem da saúde reprodutiva articulada à diversidade cultural constitui uma possibilidade significativa para o ensino de Ciências. A comparação entre diferentes povos indígenas e a população não indígena permitiu aos estudantes perceber que as formas de compreender e vivenciar a saúde reprodutiva não são universais, sendo influenciadas por aspectos culturais, sociais, históricos e territoriais.

Conclui-se que trabalhar a saúde reprodutiva por meio da comparação entre diferentes contextos culturais amplia a compreensão dos estudantes sobre os conteúdos científicos e contribui para uma educação comprometida com o respeito à diversidade.

A experiência evidenciou que o ensino de Ciências pode ultrapassar a transmissão de conceitos biológicos e constituir espaço para o diálogo entre ciência, cultura e sociedade. Ao reconhecer diferentes formas de cuidar e compreender a saúde, a escola contribui para a formação de estudantes mais críticos, participativos e respeitosos diante da diversidade cultural.

## 5. Referências

BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI:** encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula; LACED/Museu Nacional, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Indígena.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. **Rev. Espaço do Currículo** (online), João Pessoa, v. 13, n. especial, p. 678-686, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54949.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

KRASILCHIK, Myriam. A Importância das aulas práticas no ensino da Biologia: Uma Metodologia Interativa. **Revista De Psicologia**, 13(45), 342–354. Doi: https://doi.org/10.14295/idonline.v13i45.1842